# Mulher na Pesca - Que emoção lúdica!

Quando eu ouvia comentários a respeito de pesca, normalmente masculinos, o que imaginava eram paisagens bucólicas onde um homem calmamente sentado à beira do rio esperava sua presa. Mas onde estava a ação que muitos comentavam?

A pesca parecia, até então, uma atividade sem muita emoção, onde para justificar sua prática se inventavam estórias. Eu acreditava que pessoas ativas e "plugadas" nos roteiros alternativos e culturais de uma cidade como São Paulo não se interessariam por esse esporte.

Conforme ouvia de amigos, a pescaria também, era utilizada para se criarem álibis, justificando eventuais férias conjugais. Numa destas estórias, aconteceu um flagra. Ao voltar de um final de semana com os amigos de infância, no canal de Bertioga, quando a aventura tinha acontecido nas areias da praia e não em alto-mar, um dos mentirosos pescadores se esqueceu (em, de, para) trazer alguns exemplares que testemunhariam a seu favor. A solução foi comprar peixes de pescadores nativos. Porém, encontrou em uma peixaria, o peixe já limpo e embalado. Sua esposa logo o desmascarou, quando ao preparar o peixe encontrou um carimbo azul de fiscalização em seu dorso. Logo pensei: pescador necessita mesmo inventar estórias para proporcionar emoção a seus ouvintes.

Foi então que em uma viagem de reveillon com minha paixão descobri a emoção da pesca. Na ilha do Cardoso eu, meu leonino e toda aquela tralha de varas, alicates, molinetes, puçás...

E, acima de todos os meus preconceitos sobre a arte de pegar aqueles bichinhos que respiram por brânquias, me lambuzei de citronela, contra as mutucas, e embarquei logo cedo naquele barco de alumínio. Até então não conhecia de perto as habilidades de pescador de meu namorado, mas depois de preparar uma vara com a linha passando através dos anéis, o chumbo, o chicote e depois o anzol, ele me convenceu. Sorrindo disse: "Esta é para você. Pega um camarão vivo e vem aqui que eu vou te ensinar (para, a) arremessar."

Arremessar, mas o quê? Como? Seu sorriso me fez entender a paz contida em um canal de ilha, cheio de vegetação, céu azul e águas límpidas, onde arremessei pela primeira vez.

Como dizia o filósofo: "Amo aquele que não quer ter muitas virtudes. Uma virtude é mais do que duas, porque tem mais nó a que suspender-se a fatalidade".

E, fatalmente , o meu primeiro sinal de fisgada.

Senti meu batimento cardíaco se precipitar, tendo que segurar forte com a segunda fisgada. Um certo medo de deixar escapar de minhas próprias mãos essa emoção também me atingiu.

Novamente, com meiguice a resposta: "Sente, com calma fisgue forte e de uma vez, puxa. Puxa para o alto e vai enrolando esta manivela, sente, solta, enrola mais a linha, com firmeza cede e continua enrolando". E toda a minha energia voltou-se (a, para, com) a água e dentro dela vi uma luzinha prateada e saltitante.

Era meu primeiro Robalinho na Ilha do Cardoso, em Cananéia, tão perto e ao mesmo tempo distante de meu habitat urbano e natural. Ah, que emoção lúdica é se sentir incapaz, por uma fração de segundos, de controlar sua própria emoção.

Então gritei de felicidade e beijei aquele exemplar escorregadio que veio de dentro das águas, sentindo sua força por entre meus dedos.

Por todo o dia fiquei pescando e apostando quem pegava mais peixes. Como todo pescador sabe, naturalmente, fui eu quem mais pescou naquele dia, sorte de principiante.

"Amo aqueles que não procuram atrás das estrelas uma razão para sucumbir e serem sacrificados: mas que se sacrificam à terra...", aos peixes, às águas, varas, puçás e outros objetos pelo puro prazer da pesca, que passa de pai para filho, de avô para neto, de marido para mulher.

Agradeço (para, ao, a) avô Roque, hoje avô do meu marido, por um dia tê-lo levado ao "Morro do Maluf" para pescar no final da década de 70. Assim os homens passam como espíritos (pela, por) sobre a ponte e cheios de emoção pescam: Robalos, Pernas-de-Moça, Bagres, Baiacus e criam os valores em que acreditam: na pesca!